

# **Liberdade humana e estruturas sociais: Modernidade, globalização e o modo franciscano de ser**

Prof. Dr. Nilo Agostini

Texto publicado em *Revista de Cultura Vozes*, fasc. 5, 1999, p. 159-175.

O anseio de liberdade acompanha o ser humano desde sempre. Longe de ser um simples adendo, a liberdade constitui-se numa prerrogativa de especial magnitude, conatural ao seu ser, na qual ele adquire especial grandeza. Ela é o fundamento de sua própria dignidade.

A liberdade concretiza-se, no entanto, de maneira diferenciada e progressiva. Explicita-se na descoberta de um “poder fundamental”, num acordar da humanidade em etapas diferenciadas, fundado na consciência que o ser humano tem de si<sup>1</sup>. Numa primeira etapa, o ser humano percebe que consegue resistir face à natureza. A partir daí, ele prossegue no seu despertar demarcando o seu “lugar distinto”, tendendo a colocar-se num nível superior ante os demais seres da criação, sobretudo ao buscar a sua subsistência. Segue uma outra etapa, na qual o ser humano introduz diferenciações dentro de sua própria espécie, fazendo despontar o “indivíduo” e mesmo a percepção de “grupo distinto”. A noção de liberdade acompanha esta descoberta que o ser humano faz de si, até explicitá-la na busca/desejo de *emancipação*, vértice no qual a modernidade buscou situar-se e ponto fulcral de sua própria crise.

Deste caminhar da humanidade, é devedor o projeto moderno de “emancipação”. Como busca da liberdade, no sentido de livre disposição de si, este projeto não consegue, no entanto, esquivar-se da força das estruturas sociais. A pretendida autonomia e a velha heteronomia digladiam-se ininterruptamente. Mesmo se necessárias na sustentação do tecido social, estas estruturas tendem, não raro, a resvalar em formas de domesticação e manipulação, o que nos introduz no campo da dominação, hoje extensivo ao processo acelerado de globalização em curso.

Inspirados na originalidade de São Francisco de Assis e respaldados pelo pensamento franciscano, procuraremos assinalar caminhos que ofereçam alternativas válidas ao dilema que vivemos. Vamos revisitar o *humanum*. Segundo a inspiração franciscana, somos convidados a resgatar a liberdade como a máxima prerrogativa do ser humano, dando-lhe o lugar de grandeza suprema, ancoradouro maior de sua dignidade.

## *1. A "emancipação" na modernidade*

O ser humano já não se contenta mais em estar apenas livre da dependência da natureza. De maneira explícita na *modernidade*, ele alimenta o desejo crescente de *emancipação* em todos os campos da vida, seja no cultural-religioso, seja no sócio-político. Não se trata mais de indicar por liberdade somente a distinção do homem livre (ou “nobre”) do escravo<sup>2</sup>. Por *emancipação*, quer exprimir o seu desejo de “autodeterminação frente a uma autoridade imposta e a autodeterminação de diversos grupos e de minorias frente a outros grupos ou a outras maiorias dominantes”<sup>3</sup>. A ênfase está no sentido sócio-político; porém, não se pode descartar outros direcionamentos de sentido.

Entendemos, então, que a modernidade tenha operado uma grande mudança de paradigmas. Buscou opor-se a todo tipo de império, quer entre nações, grupos e/ou indivíduos. Proclamou a autonomia dos indivíduos, os direitos humanos e as liberdades individuais, bem como a liberdade religiosa, de consciência, de pensamento, de expressão etc. Buscou libertar-se da razão mítica, bem como da razão teológica e metafísica para substituí-las pela razão físico-científica e pela razão técnica e mesmo instrumental.

A história dos últimos cinco séculos ilustra muito bem esta busca de *emancipação*. “Copérnico, Galileu e Newton emancipam a razão científica da *razão* teológica. A revolução francesa, seguindo a *razão* dos iluministas, *liberta* o cidadão do absolutismo monárquico. O marxismo se propôs libertar os proletários do domínio burguês. Nietzsche pretendeu libertar a vida instintiva e vital da metafísica, da religião e da cultura dominante. Freud elaborou um projeto para libertar o psiquismo das diversas neuroses e psicoses. O movimento feminista mundial promove a emancipação da mulher da cultura patriarcal e machista. Nosso tempo é testemunha do movimento emancipatório e de libertação no campo pessoal, familiar, juvenil, sexual, moral e religioso daqueles princípios ou normas ou critérios de orientação vigentes em outros tempos e que atualmente estão seriamente questionados”<sup>4</sup>.

Um grito de liberdade continua soando por todos os lados; são movimentos os mais diversos, sistemas de pensamento, religiões, até revoluções. Seu sentido varia muito, podendo ser ambíguo. Às vezes, o conceito e a busca de liberdade quer significar espontaneidade. Outras vezes, aponta para a libertação frente a algo ou libertação para algo. Há circunstâncias em que é utilizado como reivindicação de realização de uma necessidade. Também pode ser expressão de um ato voluntário, de autodeterminação, de liberdade de expressão etc.

---

<sup>1</sup> Cf. ROMBACH, H., *La question humaine fondamentale: Libre disposition de soi ou liberté de l'homme*, em: VÁRIOS AUTORES, *L'homme manipulé*, Strasbourg, CERDIC - Publications, 1974, p. 47.

<sup>2</sup> Cf. LABURTHE-TOLRA, P., WARNIER, J.-P., *Etnologia - Antropologia*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1997, p. 184.

<sup>3</sup> MERINO, J. A., *Visión franciscana de la vida cotidiana*, Madrid, Ed. Paulinas, 1991, p. 97.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 97-98.

A modernidade canalizou este desejo de emancipação e liberdade ao fundar-se no “homem da razão”. Proclamou um ser humano autônomo, livre, sujeito de si e da história, detentor de direitos, um quase super-homem<sup>5</sup>. Surge, então, uma pergunta: Será este ser humano moderno, cioso de si, tão poderoso assim? Conhecemos como personagens da própria modernidade questionaram tal pretensão. Karl Marx sublinhou o papel das forças sociais, chegando, inclusive, a afirmar que “é a existência social que determina a consciência” das pessoas<sup>6</sup>. Sigmund Freud apontou para a força dos instintos, o papel dos interditos e o lugar de nosso inconsciente em nossos comportamentos e ações, levantando uma suspeita sobre o real espaço de liberdade que dispomos. Friedrich Nietzsche, com sua crítica total, rejeitou todo recurso aos valores existentes ou já recebidos, chamando-os de reacionários; apontou para um “nihilismo de fato” que compromete a liberdade enquanto expressão do “ser”. Claude Lévi-Strauss buscou demonstrar que o “eu penso” é reflexo da cultura circunstante; eu penso como pensa o mundo em volta de mim.

Na verdade, o ser humano não é tão autônomo assim, como imaginaram os modernos. Ele é dependente de toda uma constelação de fatores tecidos fora de si que o condicionam fortemente. Assim o é quando tratamos, por exemplo, dos fatores genéticos que o diferenciam dos demais seres humanos, dando-lhe uma identidade toda própria. O mesmo vale diante de fatores biológicos (hormônios e outros agentes), presentes em nosso corpo, que suscitam mudanças nas atividades neurofisiológicas. Fatores familiares e educacionais (pais, língua materna, família, pátria, escola, religião, meio social) vem ajuntar-se a estes e deixando marcas no ser humano. Fatores ambientais participam também desta modelagem da pessoa, pelo clima, alimentação etc. Fatores de ordem sócio-política e econômica incidem fortemente sobre as pessoas e, não raro, ditam o lugar (e o feixe de relações) que a pessoa ocupa no meio social, bem como determinam a sua qualidade de vida. Fatores *globalizados* redesenham, hoje, as relações a nível mundial, criando um “mundo sistêmico”, regulador não só do Estado-nação, mas também dos indivíduos.

O ser humano, que se crê livre, autônomo e sujeito, não faz o que realmente sonha e quer. Está sujeito a uma gama de fatores que o condicionam e, não raro, buscam manipulá-lo. Isto aponta para a crise na qual se encontra o projeto de modernidade e, conseqüentemente, o ser humano que aí alicerçou a via de sua realização. Não podemos, portanto, negligenciar a força de condicionamentos de diversa índole, das estruturas sociais e do processo de globalização em curso, fatores que acabam incidindo fortemente sobre nossas vidas.

## 2. A força das estruturas sociais

---

<sup>5</sup> Cf. AGOSTINI, N., *O choque da modernidade*, em: *Teologia Moral: O que você precisa viver e saber*, 4ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999, p. 22ss.

<sup>6</sup> Cf. MARX, K., *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten, Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*, MEGA I, 5, pp. 1-528.

É um fato fundamental, a afirmação de que “a sociedade é sociologicamente definida”, mesmo que as definições sejam sempre *encarnadas* em indivíduos concretos e/ou grupos de indivíduos<sup>7</sup>. Este universo socialmente construído constitui-se numa realidade ordenada. “Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão”<sup>8</sup>. É o mesmo que dizer que a minha vida na sociedade está marcada por coordenadas objetivas que me são dadas de antemão, o que na prática implica reconhecer que esta vida está cheia de objetos dotados de prévia significação.

No entanto, em seu ponto de partida, esta significação foi, em algum momento, tecida juntamente com os outros seres humanos, na situação do face a face, numa interação de comunicação, em um mundo comum<sup>9</sup>. É o momento do “instituinte”. Só que a abertura ao mundo, característica do ser humano, coloca-o numa correlação com o ambiente, para além do próprio face a face, em meio a toda uma ordem cultural e social. Isto faz com que ele esteja submetido a uma contínua interferência do social. Tornamo-nos seres humanos nesta correlação com o ambiente. Esta é uma característica própria do *ser social* que somos.

Graças a esta sociabilidade, chegamos a ser produtores de ambientes sociais para dar estabilidade, ordem e direção à existência humana. Conferimos a estes ambientes formações sócio-culturais e psicológicas; abrimo-los ao religioso-transcendente; tecemos uma constelação de ligações afetivas. Esta “produção” (momento do instituinte) de uma ordem social permite dirigir os impulsos, canalizar as energias e agressividade, conferir significados. É como que uma necessidade de nossa “desprovida” natureza instintiva/biológica, uma necessidade antropológica<sup>10</sup>. Para isso, criamos hábitos, moldamos padrões, instituímos “tipificações” (esquemas de apreensão), controlamos a conduta humana. Um mundo social está, assim, em processo de construção.

A institucionalização (momento do instituído) deste mundo social carrega, em contrapartida, o fato dele existir acima ou além do indivíduo. É como se as instituições tomassem aos poucos vida própria, transformando-se em realidades objetivas, com uma dinâmica particular, independente. Ocorre, então, que “as instituições estão *aí*, exteriores ao indivíduo, persistentes em sua realidade, queira ou não. Ele não pode desejar que não existam. Resistem a suas tentativas de alterá-las ou de evadir-se delas. Têm um poder coercitivo sobre ele, tanto por si mesmas, pela pura força de sua facticidade, quanto pelos mecanismos de controle geralmente ligados às mais importantes delas”<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf. BERGER, P., LUCKMANN, T., *A construção social da realidade - Tratado de Sociologia do Conhecimento*, 5ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1983, p. 38ss e p. 157.

<sup>8</sup> Cf. *ibidem*, p. 38.

<sup>9</sup> Isto dá-se intermediado por elementos *tipificadores* (esquemas pelos quais os outros são apreendidos), mesmo que vulneráveis; as tipificações podem tornar-se “progressivamente anônimas à medida que se afastam da situação face a face”. Cf. *ibidem*, p. 50.

<sup>10</sup> Cf. DURKHEIM, E., *Les règles de la méthode sociologique*, Paris, PUF, 1968.

<sup>11</sup> BERGER, P., LUCKMANN, T., *op. cit.*, p. 86.

Compreendemos, então, que haja uma institucionalização das condutas, com o conseqüente desenvolvimento de mecanismos de controle social. Isto passa por fórmulas legitimadoras, conjuntos de sanções, medidas coercitivas etc. A instituição tende a “programar” os canais pelos quais a própria consciência individual vai captar as estruturas objetivadas do mundo social. Atua preferencialmente por meio da linguagem e do aparelho cognoscitivo, influenciando assim na própria ciência. Acaba por adquirir o poder de “configurar” o indivíduo, num mundo social definido e controlado.

Instaura-se, como vemos, uma relação dialética; o ser humano e seu mundo social atuam em mão dupla, ou seja, atuam reciprocamente um sobre o outro. Porém, a interação entre ambos não anula a autonomia e o poder do mundo social. Este vai além do plano individual e atua poderosamente sobre os indivíduos<sup>12</sup>. Estes não fazem exatamente o que querem; fazem suas escolhas reais dentro dos limites das condições sociais.

Ocorre, no entanto, que esta análise necessita hoje ser ampliada ante a lógica do processo de *globalização* em curso, ou seja, na formação deste “mundo-como-um-todo”. As estruturas sociais participam deste processo de diferentes formas e graus, já que “o sistema global não é o resultado de processos de origem basicamente intra-social”<sup>13</sup>. Amplia-se a percepção do fenômeno e redesenham-se as interações. Vivemos um processo de transnacionalização crescente que tem na economia o seu eixo condutor, com injunções “externas” sobre o Estado-nação; este tem sua capacidade diminuída frente à força cada vez maior das corporações transnacionais e das organizações multilaterais. Decresce, conseqüentemente, a importância das forças sociais “internas”. A sociedade civil tem sua força reduzida ante o Estado que traça suas políticas segundo as diretrizes e práticas neoliberais.

A partir daí, criam-se poderosas e ativas *estruturas mundiais de poder*<sup>14</sup>. Crescem os processos de interdependência econômica, política, legal, militar e cultural, reduzindo a capacidade “regulatória” do Estado moderno. Criam-se cadeias de decisões e de atuações políticas interrelacionadas, influenciando nos sistemas políticos nacionais. Redesenham-se as identidades culturais e políticas, diminuindo a representatividade do Estado-nação. Corporações transnacionais controlam cada vez mais a mídia, não só como donos dos meios de comunicação e informação, mas como detentores do poder de selecionar e interpretar os fatos, formando e conformando as mentes e os corações com sofisticada tecnologia de persuasão. A publicidade ganha peso, incitando ao consumo desenfreado e até compulsivo, numa indústria cultural gerada mais pela imagem que pela palavra. A cultura da imagem

---

<sup>12</sup> Cf. DURKHEIM, E., *op. cit.*, p. 3-14.

<sup>13</sup> ROBERTSON, R., *Mapeamento da condição global: Globalização como conceito central*, em: FEATHERSTONE, M. (coord.), *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1994, p. 36.

transforma a realidade social, econômica, política e cultural, em todas as esferas, em realidade virtual. As técnicas de *marketing* influem fortemente sobre a capacidade decisória do cidadão. As tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas redimensionam o nosso sentido de realidade e as noções de espaço e tempo.

Perguntamo-nos, então, qual é o real espaço que temos ao fazer escolhas nas condições sociais e globais do momento presente? O que representa a “configuração” moderna e agora globalizada dos indivíduos? Que ressonâncias tem isso na vida das pessoas?

### 3. A crise atual

A configuração própria da modernidade passa pela multiplicidade das ciências, tendo a razão um lugar de destaque e a produção um lugar de sua aplicação preferencial, numa versão técnico-científica do mundo. Fundada na ‘revolução do indivíduo consciente’, dotado de razão, capaz de produção, a modernidade pensou ter enfim chegado à afirmação do ser humano autônomo, sujeito de si e da história. Grandes, é claro, foram as conquistas, sobretudo ao lançar as bases da ordem democrática, bem como ao proclamar os direitos humanos. Com o advento da razão, o ser humano buscou conhecer e transformar a natureza e a sociedade, extraindo delas o máximo de benefícios para si. As ciências lhe deram o saber de que necessitava e as técnicas lhe ofereceram os instrumentos, fixando a partir daí as bases de legitimação e validade de tudo o que passara a compor a sua vida. A utilidade e a eficiência transformaram-se logo em critérios por excelência.

No entanto, este ser humano, que parecia tão autônomo e poderoso face a toda injunção externa (heteronomia), enfim emancipado, não demorou em sentir-se mergulhado num desequilíbrio do que lhe é vital. A razão deslizou na pretensão de tudo dizer e definir a partir de campos relativos a esta ou àquela ciência, fragmentando a realidade e atendendo apenas parcialmente o ser humano. A produção, já delimitada pelo que é útil e eficiente, passou a nortear-se pela busca da lucratividade sem limites, num acúmulo de bens capitalizados, com a conseqüente depredação da natureza e submissão do ser humano, quando não simplesmente a exclusão deste. Confundiram-se valores, prioridades e necessidades vitais, num desequilíbrio grave, cujo preço social atingiu rapidamente grandes e escandalosas proporções, denunciador do capitalismo selvagem que se instalou entre nós, sobretudo em sua versão neo-liberal, com a hegemonia do econômico globalizado.

O processo de globalização, por sua vez, não só coloca em crise o princípio da soberania nacional, bem como influencia decisivamente na “conformação” dos indivíduos, tendo a mídia um papel decisivo. Sua ação não se restringe aos indivíduos; busca também induzir grupos, classes e blocos, com forte ingerência no social, econômico, político e

---

<sup>14</sup> Cf. IANNI, O., *A política mudou de lugar*, em: DOWBOR, L., IANNI, O., RESENDE, P.-E. A. (coord.).

cultural. Isto gera insegurança, exigindo dos indivíduos e grupos mudanças de atitudes, forçando-os a administrar de forma diferente a sua vida. Este processo induz ao consumismo; para isso, a mídia faz uso da publicidade não só para “vender” mercadorias, mas também para oferecer política, religião, cultura etc como bens de consumo. “Poder consumir” acaba sendo traduzido como sinônimo de participação, inserção social e mesmo exercício de cidadania. Com isso, damos-nos conta como “o leitor, ouvinte, espectador, audiência ou público é informado, orientado, induzido, subordinado ou manipulado”<sup>15</sup>.

Este contexto acaba, sim, “configurando” o *indivíduo*, eleito como elemento pivô da modernidade, pretensamente livre, autônomo, sujeito de si e da história. Porém, ele se descobre *de facto* numa situação extremamente frágil. Dentro deste quadro, ele tem dificuldade de definir-se, pois cabe a ele - só a ele - captar, escolher, decidir, “virar-se”, diante de um universo agora múltiplo e fragmentado de saberes e técnicas, que lhe impõe condições para “ser incluído” e ter chance de sobrevivência. O ‘indivíduo moderno’, dentro deste emaranhado, tem dificuldade até de auto-identificar-se, é instável e incapaz de estabelecer relações mais duráveis e engajamentos por um tempo mais longo. Entrega-se fácil ao consumismo, buscando saciar-se, para assim preencher os vazios (não raro, verdadeiros rombos) de sua vida; assume uma atitude mimética ante a publicidade; fica à mercê das “ondas” do momento, sugeridas sobretudo pelos meios de comunicação social. Além de extremamente frágil, este indivíduo revela-se vulnerável.

O peso dado ao processo produtivo, passando pelo crivo da razão técnico-científica, acaba sacrificando elementos vitais deste indivíduo, deslocando o lugar do gratuito, do afetivo, do simbólico e do espiritual, quando não excluindo-os sem mais. Compreendemos, então, que o ser humano esteja, em nossos dias, entregue a uma crise, marcada sobretudo por um vazio afetivo e espiritual. As mais diversas formas de ‘explosão da subjetividade’ trazem à tona os sinais desta crise. Não raro, acompanha este fenômeno a busca ‘compensatória’ de toda sorte de manifestações e/ou cultivo do estritamente individual, dispensando o comunitário e o social; a ênfase é dada ao indivíduo, caindo até no intimismo. O surgimento do fenômeno das “novas religiosidades”, o acento de vertentes mais “psicológicas”, bem como a busca de novos “espaços de experiências” remetem para um indivíduo em busca de segurança e insatisfeito, gritando contra a disparidade entre o ritmo da “máquina” moderna e o ritmo da vida e da natureza toda. O mundo das técnicas e das ciências, da produção e das invenções, não está preenchendo e realizando o mundo da vida.

O sonho de “liberdade”, alavancado pela racionalidade moderna, segundo o qual o indivíduo seria enfim autônomo, livre, sujeito, detentor de direitos, esbarrou numa realidade crua e dura. Na verdade, este indivíduo vê-se hoje desprovido do propalado sonho moderno, pois o mundo da razão, sobretudo na versão técnico-científica, não está preenchendo o mundo da vida. O impacto do processo de modernização abalou fortemente as instâncias

---

*Desafios da globalização*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1998, p. 20ss.

organizativas/institucionais da vida social; transformou o seu modo de ser, relegou valores seculares a uma segunda instância, traçou novas prioridades, fragmentou o universo unitário do passado, levou ao descrédito os sistemas globais de sentido (ideologias, mundividências, religiões tradicionais).

“Falta, portanto, ao indivíduo moderno um mapa de valores que o guie através da vida e que lhe permita estruturar sua personalidade. A ausência de uma adesão a uma fonte global de sentido deixa-o frágil, oco, sem convicções, levando-o a buscar em tudo sua própria satisfação; com isso as balizas éticas são tornadas inócuas; observa-se apenas a lei de levar vantagem em tudo e tende-se a reconhecer certa legitimidade social ao hedonismo reinante. Bem podemos imaginar os efeitos desastrosos de uma tal mentalidade para os bens públicos nesses países, onde poucos detêm o poder e as riquezas. A impunidade generalizada não passa de um conseqüência natural”<sup>16</sup>.

Diante deste indivíduo tão fragilizado, a sociedade vai impondo o seu poder. É um fato, em nossos dias, que “o homem moderno está constantemente ameaçado pelo poder absoluto da sociedade”<sup>17</sup>. Esta sociedade nos joga numa “estrutura social configurada por duas instituições ou sistemas predominantes: a tecno-econômica e a burocrático-administrativa. Constituem a manifestação objetiva da racionalidade funcional (tecnoburocrática), que tende a colonizar todos os âmbitos sociais e humanos”<sup>18</sup>. A manipulação é tentação constante, senão realidade largamente constatada, quando “de maneira consciente e dirigida, ainda que oculta, busca-se influenciar o homem no campo da interação social, consolidando estilos de comportamentos sociais com a intenção de atingir objetivos predeterminados”<sup>19</sup>.

Estamos, hoje, diante do dilema: ou nos dispomos a nos conformar à “configuração” das forças sociais e/ou globais que tendem a impor o seu poder, moldando-nos por inteiro, ou assumimos o princípio de liberdade e de responsabilidade pessoais, num cultivo do que funda o *humanum* e num abraço reverente de toda a criação. Inspiramo-nos em São Francisco de Assis e no pensamento franciscano para traçar um itinerário, tendo em conta este dilema.

#### 4. *Francisco de Assis: homem livre*

O projeto moderno de “emancipação” acabou resvalando na submissão à razão técnico-científica, instrumentalizando o humano e a própria natureza. Além disso, a burocracia administrativa e cada vez mais globalizada lida com o ser humano como um

---

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>16</sup> FRANÇA MIRANDA, M. De, *Um homem perplexo - O cristão na atual sociedade*, São Paulo, Ed. Loyola, 1992, p. 14.

<sup>17</sup> TOURAINE, A., *Crítica da modernidade*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1994, p. 228.

<sup>18</sup> MARDONES, J. M., *Postmodernidad y cristianismo - El desafío del fragmento*, Santander, Editorial Sal Terrae, 1988, p. 32.

<sup>19</sup> Cf. ROMBACH, H., *op. cit.*, p. 43.

número, um dado, uma ficha, uma senha, um cartão, com contatos digitalizados e virtuais, através de terminais cada vez mais informatizados. Por um lado, podemos computar os ganhos na informação e na comunicação, bem como na rapidez com que tudo acontece a nível mundial. Por outro lado, como já vimos, estamos sacrificando elementos vitais do ser humano e da natureza toda.

Faz-se, hoje, necessário revisitar o *humanum* e deixar ressoar do mais profundo do seu ser a ânsia por uma plenitude que se recompõe na relacionalidade e harmonia consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com a transcendência. Temos em Francisco de Assis um itinerário que responde a este anseio e nos projeta, com uma surpreendente força profética, rumo a um futuro mais humano e humanizante<sup>20</sup>. Superando a mentalidade presente, ele resgata o dinamismo *arcaico*, presente em nossas raízes *primitivas*, lastreando o nosso *ethos*, enquanto identidade mais profunda do humano<sup>21</sup>. Apresenta-se como um projeto distinto da modernidade.

Através das gerações, Francisco de Assis tem sempre inspirado aqueles que se preocupam com os problemas que nos circundam e nos habitam, provocando-os a buscar uma reconciliação universal com todos os seres da criação. Ele “é uma das poucas figuras históricas na qual o *humanum* encontrou um dos intérpretes mais privilegiados... Porque mergulhou na radicalidade do mistério humano, ele conserva uma permanente atualidade. Continua a falar, também para os dias de hoje. A crise de nosso *ethos* cultural despertou as consciências acerca da atualidade e da urgência do modo de ser franciscano”<sup>22</sup>. Francisco de Assis é um intérprete privilegiado do humano pela *intensidade* de sua experiência humana, pela *radicalidade* de suas opções, por sua busca de *identidade* para o caminhar humano, enfim pela *sanidade* com que vive a condição humana, tornando-se um paradigma inseparável da humanidade de todos os tempos<sup>23</sup>.

Este Francisco revela-se surpreendente no modo de viver a liberdade. Não foi um teórico da liberdade. Antes, viveu-a. Sua biografia é a de um *homem livre*. Sua grandeza provém de uma personalidade integrada e de uma liberdade humanizante e criadora. Tal liberdade é, antes, fruto de uma libertação de tudo o que poderia entorpecer e obstaculizar o seu projeto de vida. Libertou-se para *identificar-se* a Jesus Cristo, aderindo apaixonadamente a ele, e para *cumprir* a vontade de Deus. Aqui ressoam fortemente as palavras de Jesus: “Se

---

<sup>20</sup> Cf. MERINO, J. A., *Humanismo Franciscano e Ecologia*, em: IDEM et al., *Franciscanismo e reverência pela criação*, col. “Cadernos Franciscanos” nº 3, Petrópolis, CEFEPAL/Ed. Vozes, 1991, p. 16; cf. IDEM, *Visión franciscana...*, *op. cit.*, p. 146; cf. IDEM, *Humanismo Franciscano - Franciscanismo e mundo atual*, Petrópolis, FFB, 1999, p. 243-271.

<sup>21</sup> AGOSTINI, N., *A crise ecológica: o ser humano em questão - Atualidade da proposta franciscana*, em: MOREIRA, A. (org.), *Herança Franciscana*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1996, p. 239.

<sup>22</sup> Cf. BOFF, L., A não-modernidade de São Francisco - A atualidade do modo de ser de S. Francisco face ao problema ecológico, *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 69, n. 5, p. 335, 1975.

<sup>23</sup> Cf. MOREIRA, A., *São Francisco e a modernidade*, em: IDEM (org.), *Herança franciscana*, *op. cit.*, p. 355-356.

permanecerdes em minha palavra, sereis na verdade meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres” (Jo 8,31-32).

Em Francisco encontramos uma liberdade que é soberana. Por isso, as instituições, com sua tendência a tudo determinar, enquadrar, codificando a vida nos mínimos detalhes, têm no *poverello* de Assis alguém capaz de ater-se mais ao carisma, mais à espiritualidade que às regras, às leis. Para ele, bastava um mínimo de controle e importava um máximo de expansão espiritual. A sua regra de vida não é senão um convite a galgar os mais altos graus de liberdade. Não temia a lei e a norma; era-lhes até fiel, sem ser escravo. “Conseguiu ser espontâneo, sem cair na arbitrariedade e na anarquia, na mediocridade e na superficialidade”<sup>24</sup>.

Frei José Antonio Merino, em seu belo livro *Visión franciscana de la vida cotidiana*, retrata com acerto o itinerário de conquista da liberdade em Francisco, ao escrever:

“Francisco foi singularmente livre. Porém adquiriu uma exemplar liberdade através de um doloroso e difícil processo de libertação. Libertou-se das forças caprichosas dos próprios instintos, libertou-se da vaidade de ser um personagem importante na sociedade, libertou-se de um amor possessivo e apaixonado carnalmente, libertou-se do particularismo da própria família, libertou-se das paixões paralisantes, libertou-se das formas convencionais da sociedade de seu tempo, libertou-se de coisas e de casas, libertou-se das formas rotineiras da vida religiosa de então, libertou-se de estruturas e de instituições convencionais, libertou-se de pertencer a uma única classe social, libertou-se das formas tradicionais de dirigir-se a Deus, libertou-se da grande tristeza, libertou-se do antagonismo entre alma e corpo e inclusive libertou-se do medo da morte”<sup>25</sup>.

O comportamento de Francisco é revelador de uma força e flexibilidade de caráter<sup>26</sup>. Intrépido “idealista”, de temperamento afetivo e espírito de intuição, duríssimo se necessário: isto é Francisco! Encontramos nele “a convergência de duas características aparentemente contraditórias, mas que não se excluem mutuamente: a ‘firmeza’ na indicação do próprio ideal e a ‘flexibilidade’ em torná-lo possível nas circunstâncias concretas sem nunca desvirtuar seus elementos constitutivos fundamentais”<sup>27</sup>. Podemos compreender, assim, que Francisco tenha se pautado por uma grande liberdade na busca da forma própria de vida evangélica que “o Altíssimo mesmo lhe revelara que deveria viver”<sup>28</sup>. Isto causou certo

---

<sup>24</sup> KOSER, C., *Vida com Deus no mundo de hoje*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1971, p. 113.

<sup>25</sup> MERINO, J. A., *Visión franciscana de la vida...*, op. cit., p. 101-102.

<sup>26</sup> Cf. ZAVALLONI, R., *A personalidade de Francisco de Assis - Estudo psicológico*, Petrópolis, CEFEPAL, 1993, p. 20ss.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 22. Cf. MANSELLI, R., *São Francisco*, Petrópolis, Ed. Vozes/FFB, 1997, p. 238ss.

<sup>28</sup> SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Testamento*, nº 14, em: FONTES FRANCISCANAS, *Escritos e biografias de São Francisco de Assis - Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1988, p. 168.

espanto nas autoridades eclesíásticas de então, para quem Francisco deveria assumir “caminhos mais fáceis”<sup>29</sup>.

Podemos também traduzir o modo próprio de ser de Francisco como “liberdade de espírito”<sup>30</sup>, ele que se lança confiadamente na ausculta do “Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar”<sup>31</sup>. Aqui entrevemos uma “ausculta” que se torna, a rigor, “obediência” (*obaudiência*), vivida como “serviço” sem reservas, resultante de uma atitude de escuta; isto dá unicidade e disponibilidade ao “ser” em Francisco, levando-o a por-se todo em Deus; move sua “vontade” para *voluntariamente e deliberadamente* colocar-se todo no Espírito do Senhor<sup>32</sup>. Entendemos, então, que diante das palavras que o Evangelho lhe dirigia, Francisco, entusiasmado pelo Espírito de Deus, tenha exclamado: “É isso que eu quero, isso que procuro, é isso que eu desejo fazer de todo coração”<sup>33</sup>. Coloca-se pronto, desejoso de tornar presente o Evangelho, que é “espírito e vida”<sup>34</sup>, disposto a “semear por toda parte as sementes da Palavra de Deus com aquele espírito decidido, devoto e fervoroso que nele residia. Enchia toda a terra com o Evangelho de Cristo”<sup>35</sup>.

##### 5. O pensamento franciscano

Alexandre de Hales, São Boaventura, Roger Bacon, Pierre Olieu, Duns Scotus e Guilherme de Ockham são os que dedicam um grande espaço a uma reflexão filosófico-teológica aprofundada da liberdade<sup>36</sup>. Eles conseguem captar o modo próprio de ser de Francisco de Assis, como homem livre, traduzindo os pressupostos que melhor se aplicam para compreender o ser humano concreto e seu modo de *ser livre*<sup>37</sup>.

Para entender o cerne do pensamento franciscano, faz-se necessário captar a visão antropológica que nele subjaz. O ser humano é entendido como uma unidade, para a qual concorrem todos os elementos. Há um núcleo central alimentador na medida que o ser humano foi criado à *imagem de Deus*. O protótipo é Deus. Nele, a *razão* e a *vontade*

<sup>29</sup> Cf. CELANO, T., *Vida I*, nº 33, em: FONTES FRANCISCANAS, *op. cit.*, p. 201.

<sup>30</sup> Cf. IRIARTE, L., *Vocación Franciscana - La opción de Francisco y Clara de Asis*, 3ª edición. Valencia, Editorial Asis, 1989, p. 140-144; cf. KOSER, C., *op. cit.*, p. 111-117; cf. CARDAROPOLI, G. e STANZIONE, C. (a cura di), *Fraternità, obbedienza e libertà alla luce della primitiva esperienza*, em: VAN ASSELDONK, Fr. O. (org.), *La letterra e lo spirito. Tensione vitale nel franciscanesimo ieri e oggi*, Roma, Editrice Laurentianum, 1985, p. 241-262.

<sup>31</sup> SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Regra Bulada*, nº 10,9, em: FONTES FRANCISCANAS, *op. cit.*, p. 138.

<sup>32</sup> O primeiro biógrafo de Francisco de Assis, Tomás de Celano, utiliza com frequência expressões que remetem ao “Espírito” quando se refere ao seu desejo de conhecer e de realizar a vontade de Deus. Cf. CELANO, T., *Vida I*, nº 26, 93, 100, em: FONTES FRANCISCANAS, *op. cit.*, p. 197, 245, 252.

<sup>33</sup> *Ibidem*, nº 22, p. 194.

<sup>34</sup> Cf. Jo 6,63.

<sup>35</sup> Cf. CELANO, T., *op. cit.*, nº 97, p. 248.

<sup>36</sup> Para uma visão panorâmica geral e inicial, veja: MERINO, J. A., *Storia della Filosofia Francescana*, Milano, Edizioni Biblioteca Francescana, 1993; OSBORNE, K. B. (org.), *The History of Franciscan Theology*, New York, The Franciscan Institute/St. Bonaventure University, 1994.

<sup>37</sup> Cf. IDEM, *Humanismo Franciscano...*, *op. cit.*, p. 264-271; cf. IDEM, *Visión franciscana...*, *op. cit.*, p. 103-108.

encontram a substância que lhes é comum, mesmo que uma e outra tenham potencialidades e/ou funções distintas. Porém, quando falamos em liberdade, concretizada em atos livres, estamos indicando a situação em que o ser humano como um todo está informado pela ‘deliberação da razão’ e pela ‘decisão da vontade’. Fica clara, então, a afirmação de São Boaventura: “O livre arbítrio compreende conjuntamente a razão e a vontade”<sup>38</sup>. Portanto, a liberdade só pode existir tendo como fundamento a razão e a vontade.

Nesta conjugação e íntima colaboração, a liberdade “se chama livre arbítrio...; é livre, enquanto se relaciona com a vontade, e é arbítrio, enquanto se relaciona com a razão”<sup>39</sup>. “O juízo é da razão; a liberdade é da vontade”<sup>40</sup>. A liberdade precisa da razão, que elabora o conhecimento; porém, ela se consuma na vontade. “Como a dependência está principalmente na faculdade na qual se realiza a consumação, daí segue que a liberdade reside principalmente na vontade”<sup>41</sup>. Mesmo assim, não fica excluída a razão, porque é sempre o ser humano completo que está em ação e que se realiza na itinerância incansável para a sua meta última, o protótipo, Deus, do qual é imagem<sup>42</sup>.

Duns Scotus também pressupõe a conjugação entre o entendimento e a vontade. Neste caso, “a tarefa do entendimento é a de apresentar o objeto, a tarefa da vontade é a de aceitar ou rejeitar esta proposta ou apresentação”<sup>43</sup>. A causa ativa principal é a vontade, já que a ela cabe a última decisão, mesmo se a intervenção do entendimento seja necessária para a efetivação (causa efetiva) da liberdade<sup>44</sup>. Esta autodeterminação vem tratada em Guilherme de Ockham como capacidade radical da vontade, o que pode ser constatado pela própria experiência. “De fato, cada homem experimenta que, enquanto a razão lhe diga alguma coisa, a sua vontade pode querê-lo ou não”<sup>45</sup>.

O pensamento franciscano dá, portanto, primazia ao *eu quero*, mais do que ao *eu penso* ou mesmo ao *eu posso*. Sublinha a vontade como a grande referência para a autodeterminação, inclusive da vida interior<sup>46</sup>, quer em relação à razão quer em relação aos afetos e sentimentos. Existe aqui um *personalismo* ancorado na vontade, traduzido pela reflexão clássica em termos de *voluntarismo*. Salvaguarda-se o ser humano na sua totalidade, enquanto dotado da capacidade reflexiva, donde provém o entendimento, enquanto capaz de autodeterminação, que brota da vontade, mesmo que marcado por

---

<sup>38</sup> SÃO BOAVENTURA, *II Sent.*, d. 25, p. 1, a. un., q. 3, concl. Cf. IDEM, *Comentário aos quatro livros das Sentenças de Pedro Lombardo* (1253-1257), Quaracchi, Edizione minore, 1934-1964.

<sup>39</sup> MERINO, J. A., *Humanismo franciscano...*, *op. cit.*, p. 267. Cf. ALEXANDRE DE HALES, *Glossa*, II, d. 24, n. 7, d, pp. 211-212.

<sup>40</sup> SÃO BOAVENTURA, *II Sent.*, d. 25, p. 1, a. un., q. 3, concl.

<sup>41</sup> *Ibidem*, d. 25, p. 1, a. un., q. 6, concl.

<sup>42</sup> Cf. IDEM, *Itinerarium mentis in Deum* (1259), Edizioni di Quaracchi, 1882-1902.

<sup>43</sup> MERINO, J. A., *Humanismo franciscano...*, *op. cit.*, p. 268-269.

<sup>44</sup> Cf. DUNS SCOTUS, J., *Ord.*, II, d. 25, q. un., n. 5. Cf. IDEM, *Opus Oxoniense ou Ordinatio*, Roma, Ed. Vaticana, volumes I a VII, 1950-1982.

<sup>45</sup> OCKHAM, G., *Quodlibeta septem*, I, q. 16, p. 88; cf. IDEM, *Opera theologica*, vol. IX, 1979, ed. de J. Wey.

<sup>46</sup> Cf. OLIEU, P., *Questiones*, q. 58 (II, 411).

múltiplas limitações e ambigüidades, próprio de sua condição de ser situado e encarnado num mundo concreto e numa existência específica.

No franciscanismo, as estruturas não tem a primazia; são *mediações*, até necessárias, contanto que não extingam o espírito. O *carisma* é sempre mais que as estruturas; ele é o elemento vital e fecundo. Cabe um discernimento constante em relação às estruturas, pois elas podem, por um lado, esgotar a sua força mediadora e caducar e, por outro lado, ser instrumento de cooptação, domesticação e dominação. Nisto deve intervir um discernimento e mesmo uma clareza profética para que permaneça o carisma, deixando de ser mantenedores de um *status quo* inoperante, caduco, incômodo e, não raro, injusto e dominador.

Abordando a questão acima, e escrevendo aos franciscanos de hoje, Frei Hermann Schalück, Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores de 1991 a 1997, traduziu o pensamento franciscano ao enfatizar: “A qualidade evangélica de nossa vida e a mordência profética de nosso testemunho dependerão muito da capacidade de deixar-nos mover pelo Espírito do Senhor, que transcende toda estrutura. Nunca devemos perder de vista o ‘Reino de Deus e sua justiça’ (Mt 6,33), a primazia do homem sobre o sábado (cf. Mc 2,27-28), do espírito sobre a letra (cf. 2Cor 3,6), da sabedoria sobre o utilitarismo dos saberes, do ser sobre o fazer, da gratuidade sobre os resultados mensuráveis e programados, da sabedoria da cruz que tudo fecunda, num pré-anúncio do Reino definitivo”<sup>47</sup>.

### *Conclusão*

A emancipação pleiteada pela modernidade, mesmo com suas reais conquistas para toda a humanidade, não consegue, no entanto, esconder as múltiplas formas de ausência de liberdade, fato que ocorre tanto nas sociedades ‘controladas’, quanto nas ‘permissivas’. “A liberdade do homem está constantemente ameaçada, ou porque é controlada desde fora ou porque é perdida desde dentro... São múltiplas também as alienações que padecem muitos homens sob os aspectos ideológico, político, econômico, psicológico e espiritual”<sup>48</sup>.

Urge, portanto, resgatar do mais profundo do humano a aspiração à liberdade, que lhe é conatural, e ir em busca da verdade desta liberdade, numa referência ao ser constitutivo/ontológico do humano. Importa resgatar o elo que o liga a Deus, diante do qual a liberdade o remete à verdade constitutiva do humano que consiste em ser imagem de Deus. E como esta liberdade foi plenamente vivida por Jesus Cristo, a adesão e o seguimento de Jesus transforma-se no caminho que torna o ser humano real e verdadeiramente livre.

O resultado só pode ser uma liberdade criativa e integral. Ancorada no amor, a liberdade espanta no ser humano o temor e suscita a confiança. Não receia a pluralidade

<sup>47</sup> SCHALÜCK, H., *Encher a terra com o Evangelho de Cristo - O Ministro Geral aos Frades Menores sobre a Evangelização: da tradição à profecia*, Roma, Pentecostes de 1996, nº 181.

<sup>48</sup> MERINO, J. A., *Visión franciscana...*, op. cit., p. 106

porque tem seu assento naquilo que une. Aponta para a verdade. Luta contra toda estrutura de pecado, seja encravada no íntimo de cada pessoa, seja disseminada na sociedade e suas estruturas. Elege a vida como dom maior, assumindo-a integralmente, em todas as suas dimensões. Num enlace reverente ante a criação toda, aponta para uma liberdade que não se constrói na posse nem na conquista, mas na simpatia, na admiração e na comunhão com todo ser humano e extensiva à natureza toda.

Esta 'liberdade evangélica' faz de todo ser humano, cuja dignidade humana é ferida, marginalizada ou excluída, o preferido do Amor maior, Deus. Não há, então, como não responder afirmativamente a uma opção evangélica e preferencial pelos pobres, solidária e libertadora, fruto da *compaixão* para com todos os viventes. "São Francisco pode socorrer a modernidade através da maestria de sua sensibilidade para com o sofrimento, sensibilidade que se abaixa e recolhe o sofredor e com ele se salva. Se não o fizer a modernidade se condena, fracassa por vender a própria alma"<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> MOREIRA, A., *op. cit.*, p. 364.